

# ESQUETE: CARACTERIZAÇÃO DE UM GÊNERO ORAL E SUA POSSÍVEL CORRELAÇÃO COM OUTROS GÊNEROS

## SKETCH: CHARACTERIZATION OF AN ORAL GENRE AND ITS POSSIBLE CORRELATION WITH OTHER GENRES

Luiz Carlos TRAVAGLIA\*

---

**Resumo:** O objetivo deste estudo é caracterizar o gênero oral e humorístico esquete, e, secundariamente, trabalhar, em alguns aspectos, sua correlação com outros gêneros orais como a piada e o *stand up*, mais no sentido de distinguir o esquete do que de buscar uma caracterização desses outros gêneros. Apresentam-se as razões que levam a considerar o esquete um gênero oral e, a partir de um corpus com sessenta esquetes, apresentam-se suas características específicas enquanto gênero humorístico, narrativo, representativo, considerando seu conteúdo temático típico, sua estrutura composicional de narrativa da espécie história (superestrutura, extensão), as linguagens nele utilizadas, bem como algumas características de sua superfície linguística, seus objetivos e funções, suas condições de produção. Dessa forma é feita a caracterização do esquete, distinguindo-o da piada e do *stand up*. Verifica-se ainda a existência de um gênero homônimo a que chamamos de “esquete pedagógico”, mas com objetivos e funções totalmente distintas do esquete humorístico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gêneros textuais. Gêneros orais, esquete.

---

**Abstract:** The aim of this study is to characterize the oral and humorous genre sketch, and secondarily to work in some aspects, its correlation with other oral genres such as joke and stand up, more in the sense of distinguishing the sketch rather than seeking a characterization of these other genres. The reasons for considering the sketches as an oral genre are presented and, from a corpus of sixty sketches, their specific characteristics are presented as a humorous, narrative and representative genre, considering their typical thematic content, their narrative composition structure of the species history (superstructure, extension), the languages used in it, as well as some characteristics of its linguistic surface, its objectives and functions, its production conditions. In this way the characterization of the sketch is made, distinguishing it from the joke and stand up. There is also a homonymous genre that we call “pedagogical sketches”, but with objectives and functions totally different from the humorous sketch.

**KEYWORDS:** textual genres, oral genres, sketch.

### 1. Introdução

O objetivo deste estudo é caracterizar o gênero oral esquete, e, secundariamente, trabalhar em alguns aspectos sua correlação com outros gêneros orais como a piada e o *stand up*<sup>1</sup>, mais no sentido de distinguir o esquete do que de buscar uma caracterização desses

---

\*Mestre em Letras – Língua Portuguesa pela PUC-RJ, Doutor em Linguística pela UNICAMP com pós-doutorado em Linguística pela UFRJ. Professor e pesquisador na área de Língua Portuguesa e Linguística do

outros gêneros. Essa correlação distintiva se faz necessária a partir da proposição de muitos de que o esquete é uma piada representada<sup>2</sup> e de outros de que o *stand up* seria um tipo de esquete. Quanto ao *stand up* seu status como gênero muitas vezes é dado como uma apresentação em que alguém conta piadas, o que não nos parece ser o caso. Pensamos em realizar um estudo para verificar se tal afirmação representaria uma realidade ou se temos gêneros essencialmente diversos em sua caracterização e funcionamento social.

Evidentemente os três são gêneros produzidos na esfera de ação discursiva do entretenimento, embora o esquete tenha sido usado com finalidades educacionais por algumas comunidades discursivas como as religiosas e escolares.

Como já definido em Travaglia et al. (2013)<sup>3</sup>, o esquete é considerado um gênero oral porque “tem como suporte a voz humana (vista como a característica particular que tem o som produzido pelo aparelho fonador) e que foi produzido para ser realizado oralmente, utilizando-se a voz humana, independentemente de ter ou não uma versão escrita.” (TRAVAGLIA et al-2013, p. 4) portanto por ter “sido produzido por dada comunidade para ter uma realização oral.” (TRAVAGLIA et al., 2013, p. 5). O esquete geralmente tem um *script* ou roteiro escrito, por ser uma encenação teatral, mas foi produzido primordialmente para ter uma realização oral.

Algumas definições de esquete encontradas são apresentadas a seguir, porque elas já nos dão algumas características básicas desse gênero.

- a) O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa – em suas versões eletrônica e impressa registra que esquete é uma “pequena cena de revista teatral, ou de programa de rádio ou televisão, quase sempre de caráter cômico”. Seria identificado em Portugal também pelo termo rábula.
- b) O Dicionário Houaiss eletrônico semelhantemente diz que o esquete é uma “rápida encenação, geralmente cômica, em teatro, rádio ou televisão”.
- c) A Wikipédia<sup>4</sup> registra que o termo esquete vem

---

Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Site: [www.ileel.ufu.br/travaglia](http://www.ileel.ufu.br/travaglia) , e-mail: [lctravaglia@ufu.br](mailto:lctravaglia@ufu.br).

<sup>1</sup> Quanto ao “stand up” ver nessa revista o artigo “Caracterização do gênero *stand up* sob a perspectiva da Análise do Discurso Crítica.

<sup>2</sup> Ver o que falamos sobre esquete em Travaglia (2015, p. 69-70). Apesar do que então dizemos, este estudo mostra que o esquete não é meramente uma piada encenada.

<sup>3</sup> - Cf. também, nesta revista, o artigo “Gêneros orais – conceituação e caracterização”.

<sup>4</sup> Verbete esquete, disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquete>> .Acesso em 01 out 2015.

do inglês *sketch* ou *skit* - para sátira, paródia - é um termo utilizado para se referir a pequenas peças ou cenas dramáticas, geralmente cômicas e com menos de dez minutos de duração (com tal duração, alguns autores já as consideram como peças propriamente ditas). São frequentes em programas cômicos de televisão, mas também há casos da sua utilização no cinema ou no teatro, por exemplo o *stand up comedy*, e nos cafés-concerto.

Não vemos o *stand up comedy* como um esquete, mas como um outro gênero e retornaremos a este ponto mais adiante.

d) o *Longman Dictionary of Contemporary English* (1987) em seus verbetes *sketch* e *skit*:

Uma vez que a palavra esquete é derivada do inglês *sketch* registramos aqui o que diz:

- **sketch** 2. a short humorous scene on stage, television etc that is part of a larger show<sup>5</sup>;
- **skit**: a short humorous performance or piece of writing that shows how silly something is by copying it<sup>6</sup>;

Não podemos concordar que o esquete é uma peça de escrita já que o temos como um gênero oral, embora tenhamos dito que ele pode ter um roteiro ou *script* escrito, como as peças de teatro mais amplas.

e) O *Urban Dictionary*<sup>7</sup> para o termo *skit* fala em improviso: “A short piece of theatre, often improvised”.<sup>8</sup> O improviso ratifica que não é necessário haver uma versão escrita previa (roteiro, *script*).

f) Ainda registramos o que está posto em Pavis (2015) para o qual a palavra esquete vem da palavra inglesa *sketch* para “esboço” e o esquete seria

“uma cena curta que apresenta uma situação geralmente cômica, interpretada por um pequeno número de atores sem caracterização aprofundada ou de intriga aos saltos e insistindo em momentos engraçados e subversivos. O esquete é, sobretudo, o número de atores de teatro ligeiro que interpretam uma personagem ou uma cena com base em um texto humorístico e satírico, no *music-hall*, no cabaré, na televisão ou no *café-teatro*”. Seu princípio motor é a sátira, às vezes literária (paródia de um texto conhecido ou de uma pessoa famosa), às vezes grotesca e burlesca (no cinema e na televisão) da vida contemporânea” (PAVIS- 2015, p. 143)

Essas definições já nos dão algumas características que são normalmente tomadas como próprias e distintivas do esquete:

<sup>5</sup> 2. uma cena humorística curta no palco ou na televisão etc que é parte de uma apresentação (show) maior. (Tradução do autor)

<sup>6</sup> uma performance (apresentação) humorística curta ou peça escrita que mostra quão tolo algo é ao copiá-lo. (Tradução do autor)

<sup>7</sup> Verbetes *skit* disponível em: <<http://www.urbandictionary.com/define.php?term=skit>>. Acesso em 13 out 2015.

<sup>8</sup> Uma pequena peça de teatro, muitas vezes improvisada. (Tradução do autor)

- a) ele é uma peça teatral curta. Há inclusive quem determine uma duração máxima de dez minutos para um esquete;
- b) ele é apresentado em lugares diversos: teatro, teatro de revista, circos, cafés-concerto, televisão, rádio, escolas, igrejas, empresas, etc.;
- c) ele é referido como geralmente cômico, humorístico;
- d) ele é comumente parodístico sobre algo, mostrando o ridículo desse algo o que se relaciona diretamente com seu aspecto humorístico e com os objetivos do humor de criticar e denunciar.
- e) ele comumente tem um viés satírico.

A partir da análise de um corpus de esquetes divulgados na internet, que inclui: a) oito esquetes de teatro, inclusive de festivais de esquete realizados no Brasil, b) quarenta e quatro de programas humorísticos de televisão, especificamente dos programas Os Caras de Pau e Zorra Total da Rede Globo de televisão e c) oito realizados por instituições religiosas, num total de 60 esquetes (Cf. Anexo 1)<sup>9</sup>, foi feita uma caracterização dos esquetes que é apresentada a seguir. Para essa caracterização utilizamos os critérios e parâmetros propostos por Travaglia (2007a) quanto ao conteúdo temático, à estrutura composicional, aos objetivos e funções sociais do gênero, às características de linguagem ou da superfície linguística e às condições de produção. O *corpus* do Anexo 1 não inclui piadas e *stand ups*, embora tenhamos assistido vídeos de pessoas contando piadas e apresentações de *stand ups* no YouTube e no canal de televisão por assinatura Comedy Central e também ouvido CDs de contadores de piadas.

## 2. Caracterizando o esquete

**2.1-** No que diz respeito ao **conteúdo temático**, ou seja, o tipo de informação que se espera que apareça em um esquete, ele será consequência dos dois tipos de texto que se fundem<sup>10</sup> na composição de um esquete: o narrativo da espécie história e o humorístico (Ver item 2.2). Para Travaglia (1991),

---

<sup>9</sup> Não incluímos esquetes escolares, com fins educacionais por não tê-los disponíveis na fonte utilizada: a internet e mais especificamente o *Youtube*. Assistimos a mais de sessenta esquetes, o que ajudou na análise, mas no Anexo 1 estão listados apenas os sessenta que tomamos como corpus.

<sup>10</sup> As relações básicas entre os tipos na composição dos gêneros podem ser: conjugação, fusão e intercâmbio (Cf. Travaglia, 2007b).

o tipo narrativo tem como conteúdo temático os acontecimentos ou fatos organizados em episódios (indicação e detalhamento – geralmente por meio de descrição – de lugar, tempo, participantes/actantes/personagens + acontecimento: ações, fatos ou fenômenos que ocorrem). No caso da espécie história da narração, os episódios aparecem encadeados entre si caminhando para um desfecho ou resolução e um resultado. (TRAVAGLIA, 2007a, p. 43).

Como veremos mais adiante, ao falar da superestrutura, no caso do esquete, a indicação e detalhamento de lugar, tempo, participantes dos episódios, que constituem a orientação, geralmente não aparecem no esquete, talvez apenas nos esquetes radiofônicos. Em função do tipo humorístico que entra na composição do esquete, podemos afirmar que o conteúdo temático será sempre, pelo menos nos esquetes humorísticos, uma sátira, uma crítica ou uma denúncia a elementos da vida social em geral, muitas vezes com apelo a elementos da constituição física dos seres envolvidos nas situações representadas. Esse tipo de conteúdo é de certa forma compartilhado com outros gêneros que têm em sua composição o tipo humorístico. Os esquetes contêm sempre uma situação em uma área qualquer da vida social e registra um amplo leque de vivências diversas em que estamos envolvidos por meio dos personagens apresentados e de suas ações. Nos esquetes não humorísticos, geralmente educativos, e que são apresentados muito comumente em instituições como igrejas de diferentes credos, em escolas, em empresas (geralmente em seminários sobre aspectos da vida das empresas), apresentam-se elementos a serem aprendidos ou que possam servir de mote para a discussão de problemas ou aspectos da vida, como, por exemplo, um esquete que apresente pessoas tendo atitudes ecológicas incorretas e corretas e que depois serve de ponto de partida para discutir aspectos importantes sobre ecologia, preservação da natureza ou consequências sobre a humanidade de cada atitude que implique em deterioração do meio ambiente. Os esquetes também trazem sempre uma narrativa da espécie história<sup>11</sup>.

Apenas para exemplificação listamos algumas das vivências que aparecem em esquetes do corpus:

- a) vivências diversas de trabalho em diferentes áreas, como uma reunião de uma empresa para resolver um problema mas ninguém foca no objetivo da reunião, ficando no celular ou falando assuntos particulares. É o que acontece no esquete

---

<sup>11</sup> Cf. Travaglia (2007a) e (2009)

*Reunião celular* de “Os barbixas”<sup>12</sup>. Seria uma crítica ao não engajamento real de funcionários com os objetivos e necessidades da empresa ou instituição em que trabalham;

- b) vivências envolvendo a comunicação como o esquete do telejornal em que os locutores não falam as mensagens completas, o que seria uma crítica ao fato de que os telejornais sempre supõem que o telespectador tem informações que são pré-requisito para entender o que se está noticiando;
- c) vivências diversas no comércio envolvendo aspectos da relação entre vendedor/empresa e comprador/consumidor;
- d) fatos da vida escolar nos diferentes níveis da educação formal, na relação entre colegas, alunos e professores, professores e o sistema, etc.;
- e) aspectos diversos das relações familiares, como os esquetes de Camila Loures<sup>13</sup>, que apresenta esquetes no YouTube, para o dia das mães;
- f) vivências em situações de festas como Natal, São João, Dia das Crianças, Dia das mães, Carnaval, etc., como os nove esquetes de Camila Loures sobre o Carnaval;
- g) elementos de nossa vida em relação com religiões diversas e mesmo fatos a elas relacionados como velórios, por exemplo. Veja-se os esquetes religiosos do corpus, mas mesmo outros como o do programa Zorra Total que identificamos como “Igreja evangélica – Expulsando o demônio”;
- h) fatos relacionado ao comportamento das pessoas em situações como trânsito, acidentes, tragédias, etc.;
- i) aspectos de nossas vivências na convivência com amigos, colegas de trabalho;
- j) vivências no relacionamento de casais seja no casamento ou fora dele, como os esquetes “Coisas de casal no amor, na guerra e no bar – “Alfredo e Beatriz” (encontro de um casal que se conheceu pela internet), “Reconhecendo o artista do filme pornô” (a mulher reconhece quem é o artista do filme que o marido levou para assistirem, antes de aparecer o rosto do ator), “O marido que perde tudo”, “Esposa reclamando do desempenho sexual do marido no guichê em que ele trabalha”;

---

<sup>12</sup> Esquete *Reunião celular* de “Os barbixas” – 2m33s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JOeylw0bhDs>>. Acesso em 05 set 2015.

<sup>13</sup> Camila Loures tem um canal no YouTube em que apresenta esquetes sobre temas diversos, com a participação de amigos como atores.

- k) vivências sobre caracteres, aspectos e problemas psicológicos, como o esquete sobre “Medo de altura” no programa humorístico “Os caras de pau”;
- l) aspectos da vida política e da relação do cidadão com o estado, como no esquete “Júri – juiz reduzindo a pena do corrupto”;
- m) etc.

**2.2-** No que diz respeito à **estrutura composicional** há vários aspectos a serem considerados: a superestrutura, a extensão do gênero, quais são os tipos/subtipos e espécies que entram na composição do gênero, a ou as linguagens utilizadas no gênero, se o texto é representativo ou expositivo.

Quanto à **superestrutura** pudemos observar que os esquetes têm uma superestrutura da narrativa da espécie história<sup>14</sup> em que essencialmente aparece a categoria da trama com suas subcategorias da complicação, resolução e resultado. (Cf. a superestrutura da narrativa da espécie história proposta em Travaglia-1991, p.241-246, item 6.4.5 e 2007a, p. 49). O resultado parece ser exclusivamente do tipo eventos, atos, acontecimentos. Estados e reações verbais não apareceram nos esquetes do corpus. Assim, por exemplo, no esquete “Pagode numa hora dessas?: No assalto” o resultado é o trecho em que o ladrão (que está cercado pela polícia e em negociação para se render) mata os quatro pagodeiros e diz “Eu não segurei”. Isto acontece após a fala do negociador da polícia dizendo “você tem que me ajudar a segurar essa” e os quatro pagodeiros entram cantando “Então me ajuda a segurar essa barra que é gostar de você”<sup>15</sup>. As demais categorias da superestrutura narrativa história (introdução: anúncio e resumo; orientação; comentários e conclusão ou epílogo) não foram observadas nos esquetes. A orientação não aparece porque a situação, o cenário e os personagens não precisam ser descritos, uma vez que aparecem em cena com suas características, tendo em vista que o esquete é representativo como comentaremos mais adiante. Nesse aspecto o esquete é diferente da piada em que pode aparecer uma pequena orientação com características básicas essenciais dos personagens e/ou cenário como no caso da pequena piada abaixo em que o trecho em negrito é uma orientação.

---

<sup>14</sup> Travaglia (2007, p. 106) propõe que a narrativa tem duas espécies: a história e a não história. Na narrativa da espécie história os episódios a partir de uma complicação que gera uma instabilidade em um estado inicial se encadeiam no tempo e com relações causais, caminhando para um clímax e uma resolução, geralmente apresentando um resultado, que seria o novo estado. Na narrativa não história, os episódios estão lado a lado, mas não se encadeiam e pode haver um único episódio: Ontem eu fui ao cinema.

<sup>15</sup> - Nos quatro esquetes “Pagode numa hora dessas” de Zorra Total de 08/08/2015, essa é a letra da música cantada pelos pagodeiros, sempre após algum personagem pedir a outro para fazer a ação de “segurar” algo.

- (1) **Uma mulher muito feia e com um cabelo horrível entra no salão de beleza e fala para o recepcionista:**  
— Quero ficar parecida com a Gisele Bundchen.  
Ao que o recepcionista responde:  
— Ah, minha filha! Milagre é só na Basílica de Aparecida.

Estamos nos referindo apenas às piadas orais, que são contadas por alguém. Não tratamos aqui das piadas visuais<sup>16</sup> que são impressas. Todavia, é preciso registrar que, quando o esquete é radiofônico, com frequência é preciso apresentar a orientação dizendo o cenário (local em que ocorre a situação social encenada) e quem são os personagens.

Quanto à **extensão** do gênero esquete, como já aparece nas definições, registradas na introdução, ele é curto com uma duração que não costuma ultrapassar os dez minutos. Todos os esquetes a que assistimos tinham essa característica como se pode ver na duração dos listados no Anexo 1. O maior esquete do *corpus* dura 09 minutos e 08 segundos e o menor, 07 segundos. No programa humorístico *Zorra Total* da TV Globo exibido em 08/08/2015 há 23 esquetes. O menor tem duração de 07 segundos e o maior tem duração de 04 minutos e 20 segundos.

O terceiro ponto a ser considerado na estrutura composicional é o dos **tipos/subtipos e espécies que entram na composição do gênero**<sup>17</sup>. O esquete é composto necessariamente pelo tipo narrativo, ou seja, não temos esquetes que não sejam narrativos e pela espécie história desse tipo. Todos os esquetes a que assistimos eram em prosa, o que é também uma espécie de acordo com Travaglia (2007). Daí sua superestrutura ser sempre a do tipo de texto narrativo e da espécie história.

Necessariamente o esquete é composto também pelo tipo humorístico em fusão com a narrativa, embora, como já foi dito, haja alguns esquetes, assim denominados em instituições religiosas, educacionais ou empresariais (geralmente em atividades de formação dos funcionários) que não são humorísticos, tendo em vista seu objetivo pedagógico. Nesse caso teríamos um outro gênero? É uma discussão que não podemos aprofundar neste momento, mas a hipótese de ser um outro gênero com o mesmo nome por compartilhar a característica de ser uma encenação teatral de curta duração é altamente plausível. Há uma série de características do esquete que aparecem em decorrência de ele ser composto pelo humorístico.

---

<sup>16</sup> - Veja Travaglia (2015, 65-69).

<sup>17</sup> - Sobre a composição dos gêneros por tipos/subtipos e espécies de textos veja Travaglia (2007b)



Já vimos isso ao falarmos do conteúdo temático, mas outras características se devem ao fato de termos um texto humorístico. Uma delas é a utilização dos cinco *scripts* (estupidez, esperteza/astúcia, ridículo, absurdo, mesquinhez) e dos quinze *mecanismos* (cumplicidade, ironia, mistura de lugares sociais ou posições de sujeito, ambiguidade, uso de estereótipo, contradição, sugestão, descontinuidade ou quebra de tópico, paródia, jogo de palavras, quebra-língua, exagero, desrespeito a regras conversacionais, observações metalinguísticas e violação de normas sociais) que, segundo Travaglia (1989), são os responsáveis pela comicidade, por provocar o riso. Assim, por exemplo, no esquete “Atestado de corno” do programa Zorra Total, tem-se o *script* do absurdo quando um marido vai a uma repartição requerer um atestado de corno e o funcionário questiona as provas apresentadas: a) fotos da esposa com outro homem no motel, dizendo que pode ser uma reunião de amigos num local onde não serão perturbados; b) bilhete do amante, marcando encontro e assinando “do seu gostoso, Mauro” que ele diz que pode não ser um amante. Finalmente ele concede o atestado quando o marido chama a mulher como testemunha e ela diz que trai o marido com frequência e para provar beija longamente o funcionário. Há também aí, como mecanismo, a quebra de regras sociais. Evidentemente há uma crítica a instituições públicas de concessão de documentos. Já o *script* da esperteza aparece, por exemplo, no esquete “O ladrão mestre do disfarce” em que o chefe de um assalto disfarça a si próprio e ao comparsa para escapar da polícia (há um certo absurdo na cena, porque os disfarces usados não mudam significativamente a aparência dos dois ladrões) e finalmente ele se disfarça para não ser reconhecido pelo comparsa e não ter que dividir o fruto do roubo com ele. Não vamos aqui nos alongar na análise do que provoca o riso, uma vez que o objetivo é apenas registrar características dos esquetes por serem humorísticos e, portanto, terem essas características compartilhadas com outros gêneros humorísticos.

Como veremos, os esquetes são textos conversacionais. O fato de os esquetes serem compostos pelos tipos narrativo da espécie história e humorístico em fusão e ser um texto conversacional vai ter consequências nas características da superfície linguística. Assim, por exemplo, o uso do mecanismo da ambiguidade vai ter consequência em características da superfície linguística em que se usa, com frequência, léxico e construções ambíguas, o que é comum em textos humorísticos. Adiante voltamos a este ponto.

Quanto às **linguagens** utilizadas nos esquetes, fica evidente que se usa a língua, mas também uma série de outras linguagens geralmente presentes nos gêneros teatrais,

caracterizando uma multimodalidade sempre presente nos esquetes. São utilizadas as seguintes linguagens: os gestos, atitudes corporais, expressões fisionômicas, movimentos corporais em geral (estas quatro modalidades constituindo as ações encenadas), a luz, a música (no corpus essa utilização não foi muito grande), sons diversos produzidos por efeitos de sonoplastia, a caracterização dos personagens em termos de maquiagem, vestuários, posturas, gestos, imitação de vozes ou modos de dizer específicos de grupos sociais representados, em termos de seus dialetos e registros usados em situações específicas. Muitas vezes o uso dessas variedades linguísticas, adequadas ou inadequadas, com ou sem exageros (um script do humor) é a fonte da comicidade. O que se observou no corpus foi o uso dessas linguagens, o que não quer dizer que outras linguagens não possam aparecer em um corpus mais amplo, mas nossa observação em todos os esquetes assistidos é que as linguagens básicas utilizadas são as que acabamos de especificar. Por vezes o cenário é neutro e serve apenas para identificação da situação e da vivência em pauta, mas às vezes é utilizado como parte da mensagem, pois algo fica diferente se dito em situações diversas.

Nos esquetes, com frequência, a língua não é o modo (**linguagem**) dominante. Às vezes ela nem mesmo é usada, como, por exemplo, no esquete “Milho aos pombos” em que tudo é dito por meio da caracterização dos dois personagens como idosas (representadas por homens), seus gestos, ações e expressões fisionômicas. As velhas entram e sentam com dificuldade em um banco e depois de muitas ações dificultadas pelas limitações da idade, tiram milho de saquinhos de papel e os atiram a pombos (que não aparecem em cena). Além do ridículo a comicidade acontece quando se percebe que as velhas não têm o objetivo de alimentar os pombos, mas atraí-los para matá-los o que é sugerido por seus gestos com sombrinhas/guarda-chuvas como se fossem armas, o que é reforçado por uma sonoplastia que indica que elas estão golpeando os pombos. No caso está se usando o mecanismo de quebra de regras sociais, pois o comum é alimentar os pombos, mas não para matá-los. Outros esquetes sem uso da língua são os de Camila Loures sobre carnaval e tipos comuns nessa festa: nos esquetes que falam sobre “O safado”, “O empurrado” e “O desanimado” a língua não é usada. Neste último, somente no fim, há a letra de uma música cantada, tentando animar o desanimado.

A distinção entre **textos representativos e expositivos**, que Travaglia (2007a, 57) propõe como um critério de caracterização de gêneros quanto à estrutura composicional, revelou-se como importante na caracterização dos esquetes. Travaglia explica que

No representativo, a forma essencial parece ser o diálogo e, no expositivo, o monólogo, mas não é só isso que caracteriza um texto como expositivo ou representativo. Na verdade, o representativo, como o nome diz, faz com que o receptor do texto tenha diante de si uma reprodução de determinada situação, enquanto no expositivo tem-se um relato ou um comentário da situação, mas não há, por exemplo, nos gêneros narrativos não-dramáticos, uma reprodução da situação como se o receptor do texto, o alocutário, presenciasse o transcorrer dos fatos. A composição representativa aparece também em gêneros que utilizam diversas linguagens, como os quadrinhos, as tiras, os filmes, as óperas e os gêneros teatrais quando encenados. (TRAVAGLIA, 2007a, p. 57)

O que foi observado é que os esquetes são representativos. Os fatos acontecidos e que são objeto da narração não são relatados, mas representados, encenados diante do alocutário que se vê então diante dos fatos como se eles ocorressem diante de seus olhos. É o mesmo que acontece em peças teatrais em geral, nos filmes, óperas, histórias em quadrinhos. Nesse aspecto os esquetes se distinguem das piadas porque nelas há um contador/narrador, pois elas são expositivas, enquanto no esquete há os personagens agindo, pois ele é representativo. É verdade que o contador/narrador da piada pode figurar os personagens da piada com vozes diferentes, atitudes corporais, mas ele não incorpora o personagem no sentido representativo. No esquete não há o narrador, mas o ator. O *stand up* também se distingue do esquete por ser expositivo, mas, ao contrário do esquete e da piada, no *stand up* não se tem um texto do mundo narrado no sentido proposto por Weinrich (1968), mas um texto do mundo comentado, conforme observado em *stand ups* analisados. Portanto piadas e esquetes são narrativos enquanto *stand ups* são comentário. Mesmo que haja pequenas narrativas no *stand up* elas parecem ser sempre usadas como exemplos no comentário/argumentação que se desenvolve. O Quadro 1 resume essas distinções, levantadas em nossas análises dos três gêneros.

**QUADRO 1 – Características quanto a narratividade e a ser representativo**

	<b>Esquete</b>	<b>Piada</b>	<b>Stand up</b>
Narrativo	+	+	+/-
Humorístico	+	+	+
Expositivo		+	+
Representativo	+		
Mundo narrado	+	+	
Mundo comentado			+

Fonte: elaborado pelo autor

**2.3-** No que se refere aos **objetivos e funções sociais** do gênero esquete, em primeiro lugar, visto que ele é produzido sobretudo pela esfera de atividade humana ou esfera discursiva do entretenimento, ele tem socialmente o objetivo de entreter, divertir e particularmente de fazer rir. É o que acontece quando se faz sua encenação em teatros, circos, programas humorísticos da televisão, rádio, etc. Como gênero humorístico que é tem a função de criticar e denunciar elementos do mundo social e também de possibilitar a liberação de pressões impostas pelas regras sociais a respeito de muitos elementos de nossa vida social e psicológica. Esses objetivos são compartilhados com a piada e com o *standup*, embora nos pareça que os *stand ups* não têm o objetivo da denúncia e a crítica se faça mais de aspectos pessoais da vida e do relacionamento entre as pessoas, geralmente sem viés institucional envolvido.

É preciso observar, todavia, que os esquetes produzidos com finalidades pedagógicas como acontece nas escolas e em instituições religiosas e empresariais parecem ter uma outra função social que é exatamente a de auxiliar na educação, na formação das pessoas em diferentes aspectos. Os esquetes religiosos a que assistimos sempre tinham um viés educativo. Assim, por exemplo, alguns mostravam comportamentos reprováveis que não se deve adotar, mas sem nada de humor. É o caso do esquete “Desânimo na Igreja” do Canal Cristão Luz e Sal em que dois rapazes se encontram na saída da casa de um deles. O que está saindo informa ao outro que se converteu e passa a fazer uma série de propostas para uma ação efetiva na igreja: trabalhar no evangelismo, fazer um campeonato esportivo, uma gincana, criar um grupo de oração, fazer vigília na igreja ou trabalhar na ação social. A cada uma dessas propostas o segundo rapaz opõe um argumento contra, geralmente baseado no desânimo ou preguiça de trabalhar e se comprometer, usando seu tempo com as atividades da igreja. No final, este segundo rapaz diz ao primeiro “suas ideias não estão dando certo, não fale com ninguém, não”. Eles se despedem. O rapaz que estava cheio de boas ideias se encontra com um outro que também se converteu e quer fazer algo, mas o primeiro convertido começa a desanimá-lo. Parece que o objetivo do esquete é mostrar como o desânimo com as atividades da igreja é contagioso e que, portanto, deve ser evitado. Outro esquete do mesmo canal chamado “Sem serviço” mostra uma moça sentada em uma espreguiçadeira e que recebe dois telefonemas pedindo ajuda (para o culto e para a construção do templo), mas se recusa dando desculpas que as imagens mostram não ser reais. Entre um telefonema e outro ela liga para alguém e começa a falar mal de um “irmão”. Evidentemente o objetivo é que

essa atitude não seja praticada pelos fiéis. (Veja transcrição do esquete no Anexo 2). Essa diferença nos objetivos dos esquetes pedagógicos é mais uma razão para considerar a hipótese de que tais esquetes seriam outro gênero com o mesmo nome, uma vez que consideramos que os gêneros se definem enquanto tal, principalmente por sua função social, pela ação social que executam. As funções são diferentes nos dois casos: criticar e denunciar no humorístico e educar no pedagógico.

**2.4-** No que diz respeito às **características de linguagem ou da superfície linguística** muitas das características do esquete advêm dos tipos/subtipos e espécies que o compõem: narração história, humorístico e características do texto conversacional.

O que observamos é que sendo um texto conversacional, no esquete não temos, como na piada, a predominância de presente do indicativo ou pretérito imperfeito do indicativo na orientação da narrativa (que como vimos não aparece nos esquetes) e nem dos pretéritos perfeito e mais-que-perfeito na trama (complicação, resolução e resultado). A forma e o tempo verbal que vai aparecer depende do que está sendo dito pelos personagens em determinado episódio da história: se se conta algo temos as formas verbais da narrativa (Exemplo 2 – trecho em negrito, com o pretérito perfeito do indicativo)<sup>18</sup>; se se discute, comenta, define, avalia algo, os tempos da dissertação, do comentário (Exemplos 2 a 4 – trechos com os verbos sobretudo no presente do indicativo); se se incita alguém a fazer algo, as formas verbais do injuntivo (Exemplos 3 e 4 – trechos em negrito – com verbos no imperativo ou com formas que indicam modalidades imperativas, como a obrigação no trecho em negrito do exemplo 4); se se diz como algo é, fazendo sua descrição, as formas verbais da descrição (mais geralmente presente do indicativo e pretérito imperfeito do indicativo. Observamos que no exemplo (5) temos uma descrição no pretérito imperfeito do indicativo que serve de argumento para o fato de o cunhado ser uma pessoa especial, exemplar em seu comportamento, mas isso é contradito pelo toque do celular do morto, o que cria a graça (Ver esquete no anexo 3).

(2) Médico – Quantos anos de vida você me dá? <sup>19</sup>– Zorra Total

<sup>18</sup> Sobre as formas verbais predominantes em cada tipo de texto ver Travaglia (1991).

<sup>19</sup> Os esquetes geralmente não têm títulos no programa Zorra Total, exceto “Coisas melhores se ditas em coro”. Os títulos foram colocados por nós (Cf. corpus no Anexo 1) para facilidade de indicação e referência. Os que foram colhidos na internet geralmente apresentam títulos.

*Após exame, paciente negocia com o médico quantos anos de vida este lhe dá e quando ele pede 10 anos o médico diz:*

*Castanheda (médico):* Não aí você me quebra... filhote... aí você me quebra...olha só... se eu começá a dá dez anos de vida pra todo mundo eu vô tê que fecha a clínica... eu vô rasgá meu CRM... Você tem que jogá comigo...**Júlio...** Senão meus amigos aí... médicos... vão ficá dizendo... tá vendo o Castanheda... tá dando dez anos de vida pá geral... quem ele pensa que ele é?...vai ficar aquele tititi

*Júlio (paciente):* Ah é! pois **a semana passada eu fui no Dr. Vargas e ele me deu dez anos de vida**

(3) Medo de dentista - Os Caras de Pau

*Pedrão:***para!...olha a palhaçada...** hoje você vai aprender a tê coragem a vencer todos os seus medos... ((*enquanto Pedrão fala isto, Serginho faz cara de pouca fé, e estica um pouco os beiços. Pedrão gesticula com o braço colocando dedo em riste em atitude de convencimento*))

*Serginho:* **ah! não exagera...** também não é tanto medo assim... são só alguns medinhos...

*Pedrão:* ah! só alguns ((*faz gesto com o polegar e o indicador indicando pouca quantidade*)) medinhos... porque você não vai ao médico curar seu medos

(4) Médico – Quantos anos de vida você me dá? – Zorra Total

*Castanheda (médico):* Não aí você me quebra... filhote... aí você me quebra...olha só... se eu começá a dá dez anos de vida pra todo mundo eu vô tê que fecha a clínica... eu vô rasgá meu CRM... **Você tem que jogá comigo...Júlio...** Senão meus amigos aí... médicos... vão ficá dizendo... tá vendo o Castanheda... tá dando dez anos de vida pá geral... quem ele pensa que ele é?...vai ficar aquele tititi

(5) O cunhado exemplar – Zorra Total

*Homem ((Cunhado do morto – Todo circunspecto)):* meu... meu cunhado Teodoro era acima de tudo um homem sério... ((*falando isso ele faz com a mão fechada gestos de positividade que enfatizam e reforçam o que diz*) com a família... com o trabalho... sério com os amigos... um homem disciplinado... FOCADO ((*pequena ênfase entonacional*)) ... decente até o último fio dos cabelos... um homem que não fazia concessões aaa... a brincadeiras... aaa... a comportamentos fúteis...a modismos

Como já foi dito, o fato de ser humorístico leva à utilização no esquete de ambiguidade, o que faz com que, com frequência, apareçam itens lexicais e construções que são de duplo sentido. Este fato pode ser observado no 2º esquete do programa Zorra Total que chamamos de “Tatuagem de henna/rena” (Veja anexo 5) em que na fala a palavra [rena] tanto pode ser entendida na pergunta da mulher 1 como “rena” (o animal) quanto como “henna” (pó feito das folhas da planta *Lawsonia inermis* do norte da Índia e da África que misturado à água faz um creme usado na tintura de cabelos e na execução de desenhos decorativos na pele que saem com o tempo). A graça do esquete vem daí porque a segunda mulher entende henna como o creme para tintura e maquiagem, quando a primeira está falando do animal. É também o caso do termo “cinzas” no esquete “As cinzas de papai” (Anexo 4) que, nesta expressão, tanto pode se referir às cinzas resultantes da cremação do corpo do homem que é pai de uma personagem e marido da outra, como a cinzas do charuto que ele fuma. Quando na segunda parte do esquete se revela ser o segundo sentido e não o primeiro que está valendo surge a graça e a comicidade do texto.

É comum o uso de linguagem de baixo calão e de gírias nos esquetes humorísticos. Assim, por exemplo, no esquete “Igreja evangélica – Expulsando o demônio” do programa Zorra Total, com a gíria “escambau” em que um pastor evangélico, após expulsar o demônio de um fiel o retém dizendo que a graça não é de graça (mais um uso de múltiplos sentidos) e cobra a contribuição para a igreja. O fiel dá desculpas para não “pagar seu débito com a igreja”, “contribuir”, “dar o do Senhor” e se retira gritando aleluia. O pastor com seus auxiliares puxa o fiel para trás e diz “aleluia é o escambau” e recoloca o demônio no homem. Outro exemplo aparece nos esquetes sobre carnaval de Camila Loures, em seu canal no *YouTube*, em que se usou várias vezes a expressão “que saco” para manifestar desagrado. Esse uso de linguagem de baixo calão e menos o de gírias depende muito de onde o esquete é apresentado, do horário (no caso da televisão e do rádio) e do público a que se destina, o que em parte tem a ver com as condições de produção.

A entonação é fundamental para sugerir elementos diversos e muitas vezes modificar o sentido do que está sendo dito. Este é o caso no sexto esquete do programa Zorra Total em que a entonação do garçom ao falar “aQUe arroz” insinua que o cliente está, na verdade, pedindo outra coisa que no fim seria uma droga ilícita tanto que no final o cliente é preso pela polícia. Veja trechos transcritos no exemplo (6).

**(6) Aquele arroz (1m16s)**

6º esquete do Programa Zorra Total de 08/08/2015

*No restaurante o cliente à mesa diz para o garçom:*

*Cliente ((olhando atentamente para o cardápio e coçando a orelha)): não... então... eu vou querer... eu vou querer a picanha mesmo*

*Garçom ((olhando para os lados e com a comanda e caneta na mão para anotar o pedido)): com qual acompanhamento, senhor?*

*Cliente ((continua coçando a orelha)): oooia... arroz branco ((com voz decidida))*

*Garçom: ah! o senhor vai querer coom... ((hesita, faz pausa, olha para os lados e fala a seguir modificando a entonação com que se diz arroz branco, sugerindo que se trata de outra coisa, por meio da elevação do tom na sílaba QUE em aquele)) com aQUEle arroz branco*

*Cliente:aquele?!... que aquele? que arroz?*

*Garçom(com uma cara safada): não precisa disfarçar não que a barra tá limpa... pode falar... você vai querer aQUEle arroz... (enquanto fala isso o garçom tem uma expressão fisionômica meio de deboche e com um leve sorriso de cumplicidade)*

*Cliente: por favor, não estou entendendo*

*Garçom: fez até o sinal... (e leva a mão à orelha como se a coçasse) que cê fez*

*Na continuidade o cliente explica que o pôr a mão na orelha é por causa de uma coceira e o garçom fala como se não acreditasse e insiste que ele pediu “aQUEle arroz” insinuando que o cliente pede algo ilegal. O cliente se irrita e diz que quer sua comida e que não quer saber “daQUEle arroz”. O garçom insiste que vai trazer com “aQUEle arroz” e sai. Entram dois policiais e dão voz de prisão ao cliente, que diz ser inocente, mas os policiais dizem que não são idiotas porque viram ele pedir “aQUEle arroz” e o levam preso.*

**2.5- As condições de produção, importantes na caracterização dos gêneros, incluem**

quem produz, para quem, quando, onde (geralmente um quadro institucional), o suporte, o serviço, etc. O critério de “quem produz” inclui tanto o indivíduo (geralmente ocupando um lugar social) como a comunidade discursiva (SWALES, 1990), ou esfera de ação social (BAKHTIN, 1992), ou formações sociais (BRONCKART, 2003), ou domínio discursivo (MARCUSCHI, 2002) (TRAVAGLIA, 2007a, p. 71-72)

Como dissemos, a produção do esquete acontece dentro de uma esfera de ação discursiva do entretenimento que está estabelecida em teatros, estações de rádio e televisão, circos, canais de divulgação de trabalhos na internet como o *YouTube* e outros. Vimos que há também esquetes mais com finalidades educativas do que de entretenimento que são produzidos em escolas, instituições religiosas e empresas. Propusemos que estes últimos seriam um outro gênero muito próximo do esquete, por ser narrativo e curto, mas que se



distingue pelos objetivos e funções sociais e por não ser sempre humorístico. Os esquetes apresentados em teatros, rádio e televisão geralmente são produzidos por uma equipe de redatores profissionais. Os apresentados em outros locais geralmente são produzidos por grupos. Parece ser raro a produção individual.

Dentro dessas comunidades discursivas, os esquetes podem ser produzidos, elaborados por grupos ou indivíduos, mas são quase sempre encenados por mais de um ator, encarnando personagens em um gênero caracteristicamente representativo e não expositivo, o que ajuda a distingui-lo dos gêneros piada e *stand up*. O alocutário para os esquetes não educacionais é sempre um público mais ou menos amplo, mas nunca constituído por um único indivíduo (a piada pode ser para um indivíduo, e o *stand up* costuma também ser para um público não individual). O quadro institucional em que os esquetes são produzidos fica claro ao falarmos de esfera do entretenimento e dos seus meios de veiculação (teatro, televisão, rádio, internet, etc.). cremos que o entretenimento é fundamental na caracterização do esquete o que também nos levou a propor que os esquetes com objetivos educacionais sejam um outro gênero homônimo já que nossa sociedade os chama assim.

É importante nas condições de produção o esquete ser encenado, pois isso não acontece com a piada ou com o *stand up*. A encenação faz com que no esquete se tenha atores e não narradores/contadores, como no caso da piada, e expositores/comentadores, como no caso do *stand up*. Assim no esquete temos atores fazendo a encenação da história, encarnando os personagens, no caso da piada isto não acontece, o que se tem é o contador da piada que narra uma história curta, o que acontece é um relato. Já no *stand up*, como vimos, há um “apresentador” que tece os comentários sobre um ou mais tópicos, mesmo que nesses comentários insira pequenas narrativas, geralmente como exemplos.

É também importante nas condições de produção as várias interações (ações) que o ator social faz na comunicação de esquetes, piadas e *stand ups*. No esquete a interação é sempre entre os personagens representados/encarnados pelos atores, mas eventualmente pode haver uma interação entre o ator e público/auditório, numa atitude metalinguística em relação aos personagens, cenário e outros elementos, ou apenas uma função fática de contato entre os atores e o público. Às vezes pode acontecer que a encenação seja interrompida com o ator se dirigindo ao público. Aqui, no humor, temos o recurso da observação metalinguística (como o

personagem que está bebendo um vinho e diz para o público que aquilo é suco de uva, fazendo-o rir) que pode ou não ser produzida linguisticamente.

Um exemplo dessa interação com o público pode ser vista no esquete “Medo de dentista” do programa de televisão Os Caras de Pau. No trecho transcrito no exemplo (7) na segunda fala de Serginho, no movimento de Serginho em direção ao público, para sugerir que Pedrão não é homem para poder ensiná-lo a ser homem, registrado em *itálico e negrito*, não há uma interação entre os personagens, mas entre o ator/personagem e o público, colocando algo que ajuda a construir a comicidade nesse momento. Diferentemente, na piada não há uma relação encenada entre os personagens, pois ela é relatada. O que acontece é exclusivamente uma relação entre narrador/contador e público. Do mesmo modo no *stand up* há uma relação entre o apresentador/comentarista e o público. No *stand up* o público/auditório frequentemente se torna objeto do comentário e da comicidade, quando o apresentador do *stand up*, se dirige ao público, elicitando que seus componentes ou algum em específico apresenta características e ações geralmente socialmente desqualificantes. No esquete e na piada o público não é objeto da comicidade.

(7) Medo de dentista

*Pedrão (magro):* Sergiiiiiiinho ((*entonação bem enfática, estende a mão para o Serginho*))

*Serginho (gordo):* oi Pedrão, tudo bem? ((*expressão meio sem graça e tom baixo*))

*Pedrão:* ah! rapaz... hoje você vai aprender a ser homem

*Serginho:* é memo? quem vai me ensiná? ... não vai sê você né, (molecona)... ***(olha para o público sugerindo que o outro não é homem e que o público é cúmplice, pois compartilha essa opinião)***

*Pedrão:* para!...olha a palhaçada... hoje você vai aprender a tê coragem a vencer todos os seus medos... ((*enquanto Pedrão fala isto, Serginho faz cara de pouca fé, e estica um pouco os braços. Pedrão gesticula com o braço colocando dedo em riste em atitude de convencimento*))

*Serginho:* ah! não exagera... também não tanto medo assim... são só alguns medinhos...

Nas condições de produção pode-se observar que podemos ter piadas que são transformáveis em esquetes, mas os esquetes não são a representação/encenação de uma piada, como alguns podem desejar sugerir. Nessa possível transformação há elementos característicos da piada em função de sua expositividade e de texto de relato que são eliminados, enquanto muitos outros terão que ser inseridos para se ter um esquete. No relato da piada muito do que será dado por expressões fisionômicas, gestos, ações, entonações, etc.

fica a cargo do auditório imaginar. Já no esquete isso tudo é dado na encenação e não há como não fazê-lo. Pode-se com facilidade imaginar uma encenação da piada de Joãozinho (personagem famoso das piadas) que transcrevemos no exemplo (8), mas observe-se que na piada não há as indicações de encenação que haveria no roteiro do esquete correspondente que seria o equivalente escrito do esquete. Nessa piada a comicidade vem do script da esperteza de Joãozinho.

(8) Joãozinho foi preso. Chegando na delegacia, o delegado conversa com ele que vai dizendo:

— Podem me prender que logo eu vou sair, porque meu pai é procurador, minha mãe é promotora e meu irmão é da assembleia.

O delegado impressionado, diz que vai liberar Joãozinho, já que seu delito foi muito leve e pede que Joãozinho lhe fale mais de sua família tão importante. Então Joãozinho diz:

— Claro seu delegado. Meu pai é procurador de emprego, minha mãe e promotora da Avon e meu tio é da Assembléia de Deus.

Como se pode ver as condições de produção são fundamentais para a caracterização do esquete, bem como de todos os demais gêneros que se tem em uma sociedade e cultura.

### 3. Considerações finais

Como se pode observar o esquete é essencialmente um gênero da esfera discursiva do entretenimento que é uma curta encenação teatral e que, por ser teatral é um texto representativo com características conversacionais, apresentado em teatros, cinemas, circos, rádios, televisões, internet, etc. O esquete é composto por dois tipos de texto em fusão: o narrativo da espécie história e o humorístico. Dessa fusão vêm suas características básicas quanto a conteúdo temático, superfície linguística e objetivos e funções sociais.

Por ser humorístico o esquete é sempre cômico, humorístico (estamos dizendo sempre, já que propusemos que esquetes que não são cômicos e têm objetivos educacionais — como os que aparecem nas instituições religiosas e igrejas, nas escolas e nas empresas — sejam vistos como um outro gênero por ter função e objetivos bem diversos e uma vez que os gêneros são muito fortemente caracterizados por suas funções e papéis sociais) e tem como objetivo e função social divertir, fazer rir e fazer denúncia e crítica sociais ou permitir a liberação de aspectos que são socialmente impostos aos seres humanos, constituindo repressões sociais e/ou psicológicas. Em sua comicidade ele pode ser parodístico e satírico.

O conteúdo temático do esquete, ou seja, o tipo de informação que se espera que apareça em um esquete, será consequência dos dois tipos de texto que se fundem na composição de um esquete: o narrativo da espécie história e o humorístico. Assim teremos sempre uma série de episódios encadeados constituindo uma história e críticas e denúncias a/de aspectos da vida social, apresentando sempre situações em uma área qualquer da vida social e registrando um amplo leque de vivências diversas.

Quanto à estrutura composicional destacam-se as seguintes características:

- a) Os esquetes têm a superestrutura da narrativa da espécie história em que essencialmente aparece a trama com suas subcategorias da complicação, resolução e resultado. O resultado parece ser exclusivamente do tipo eventos, atos, acontecimentos;
- b) No que diz respeito à extensão o esquete é sempre curto (alguns o limitam a dez minutos no máximo);
- c) Quanto aos tipos/subtipos e espécies que compõem o esquete vimos que ele é sempre composto por uma fusão do tipo narrativo da espécie história e do tipo humorístico.

Vimos que o esquete é sempre um texto do mundo narrado, tipo proposto por Weinrich(1968), com as características próprias do mesmo. Essa característica ele compartilha com a piada, mas ela o distingue do *stand up* que seria sempre um texto do mundo comentado. O esquete é sempre um texto em prosa, pelo menos não encontramos nenhum esquete em versos. Ainda na estrutura composicional vimos que o esquete é sempre representativo, o que lhe traz características de textos conversacionais, o que é diferente da piada e do *stand up* que são expositivos: a piada constituindo um relato e o *stand up* um comentário. Quanto à(s) linguagem(ns) utilizadas vimos que o esquete é sempre multimodal e que a língua não é sempre necessariamente usada.

As características relativas à superfície linguística são, em grande parte, resultantes dos tipos/subtipos e espécies que entram na composição do esquete: narração história, humorístico e características do texto conversacional, além de ser um texto em prosa. Não vamos nestas considerações finais reelencar as características vistas, mas apenas lembrar que se mostraram importantes os elementos linguísticos propiciadores de ambiguidade e a entonação.

As condições de produção se revelaram importantes na caracterização dos esquetes e em sua distinção de piadas e *stand ups*. Além de quem propõe o roteiro (geralmente grupos de

redatores profissionais ou não) e faz a encenação (atores profissionais ou não), vimos que é importante observar se as interações ocorrem só entre personagens (como na piada) ou podem ocorrer também entre atores e público (esquetes) ou apresentador e público (*stand ups*). Além da equipe que propõe o roteiro temos que o esquete é apresentado por atores em uma encenação representativa, enquanto na piada quem apresenta é um contador e no *stand up* é um apresentador/comentador.

Acreditamos ter atingido uma caracterização significativa dos esquetes enquanto um gênero distinto e apresentado razões plausíveis para sustentar a hipótese de que há um gênero muito próximo do esquete, sendo inclusive identificado pelo mesmo nome por também ser uma encenação teatral curta, mas que é um gênero distinto principalmente por seu objetivo e função de natureza educacional. Finalmente cremos ter elicitado alguns critérios importantes para distinguir esquete de piada e *stand up*.

### Referências Bibliográficas

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss** – versão 1.0. Instituto Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, Dez/2001.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 1838 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa** – versão eletrônica. Rio de Janeiro: Editora Positivo /POSITIVO INFORMÁTICA LTDA, 2004

**LongmanDictionaryofContemporaryEnglish**. Longman Dictionaries Longman Dictionary of Contemporary English (1987). (2ª ed.) LongmanDictionaries.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. Tradução de Maria Lúcia Pereira, J. Guinsburg, Rachel Araújo de Baptista Fuser, Eudynir Fraga e Nanci Fernandes. São Paulo: Perspectiva, 2015 (3ª ed. 1ª reimpressão) ISBN: 9788527302050.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Um estudo textual-discursivo do verbo no Português do Brasil**. 1991,264 +140 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1991. Disponível em:

---

<[http://www.ileel.ufu.br/travaglia/artigos/TESE\\_DOUTORADO\\_LUIZ\\_CARLOS\\_TRAVAGLIA.pdf](http://www.ileel.ufu.br/travaglia/artigos/TESE_DOUTORADO_LUIZ_CARLOS_TRAVAGLIA.pdf)>. Acesso em 04 mai 2015.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. **Estudos Lingüísticos e Literários**, João Pessoa, v.5 e 6, p.42 - 79, 1989. Disponível em:

[http://www.ileel.ufu.br/travaglia/pub\\_area\\_humor.php?TB\\_iframe=true&height=550&width=800](http://www.ileel.ufu.br/travaglia/pub_area_humor.php?TB_iframe=true&height=550&width=800)>. Acesso em 04 mai 2015.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos In: **Língua Portuguesa pesquisa e ensino** – Vol. 2. 1ª ed. São Paulo : EDUC/FAPESP, 2007, p. 97-117. Disponível em: <[http://www.ileel.ufu.br/travaglia/pub\\_area\\_linguistica\\_textual\\_tipos\\_generos\\_textuais.php?TB\\_iframe=true&height=550&width=800](http://www.ileel.ufu.br/travaglia/pub_area_linguistica_textual_tipos_generos_textuais.php?TB_iframe=true&height=550&width=800)>. Acesso em 04 mai 2015.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A caracterização de categorias de textos: tipos, gêneros e espécies. **Alfa: Revista de Lingüística**. São José do Rio Preto , v.51, p.39 - 79, 2007a. Disponível em: <<http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v51-1/03-Travaglia.pdf>>. Acesso em 04 mai 2015.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Das relações possíveis entre tipos na composição de gêneros. In: 4º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS. 2007. **Anais [do] 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (4º SIGET)**. Organizadores: Adair Bonini, Débora de Carvalho Figueiredo, Fábio José Rauen. - Tubarão: UNISUL, 2007b. p. 1297-1306. Disponível em: <[http://www.ileel.ufu.br/travaglia/pub\\_area\\_linguistica\\_textual\\_tipos\\_generos\\_textuais.php?TB\\_iframe=true&height=550&width=800](http://www.ileel.ufu.br/travaglia/pub_area_linguistica_textual_tipos_generos_textuais.php?TB_iframe=true&height=550&width=800)>. Acesso em 04 mai 2015.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Sobre a possível existência de subtipos. In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, João Pessoa. **Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN**. Organizador: Dermeval da Hora. João Pessoa, 2009. p. 2632-2641. Disponível em:

<[http://www.ileel.ufu.br/travaglia/pub\\_area\\_linguistica\\_textual\\_tipos\\_generos\\_textuais.php?TB\\_iframe=true&height=550&width=800](http://www.ileel.ufu.br/travaglia/pub_area_linguistica_textual_tipos_generos_textuais.php?TB_iframe=true&height=550&width=800)>. Acesso em 04 mai 2015.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos et alii. Gêneros orais – Conceituação e caracterização. In: XIV SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA E IV SIMPÓSIO INTERNACIONA DE LETRAS E LINGUÍSTICA (SILEL), 2013. Uberlândia. **Anais do SILEL**, vol. 3, nº 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: <[http://www.ileel.ufu.br/travaglia/pub\\_area\\_linguistica\\_textual\\_tipos\\_generos\\_textuais.php?TB\\_iframe=true&height=550&width=800](http://www.ileel.ufu.br/travaglia/pub_area_linguistica_textual_tipos_generos_textuais.php?TB_iframe=true&height=550&width=800)>. Acesso em 04 mai 2015.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Texto humorístico: o tipo e seus gêneros. In CARMELINO, Ana Cristina (org.). **Humor: eis a questão**. São Paulo: Cortez, 2015. p. 49-90.

WEINRICH, H. **Estructura y función de lostiemposenellenguaje**. Madrid: Gredos, 1968.

## Anexos

### ANEXO 1 - CORPUS

#### I- Esquetes humorísticos em canais da internet e na TV (44)

- Zorra Total – Programa exibido em 08/08/2015 com 23 esquetes em que o menor tem 7 segundos e o maior 4 min. e 20 seg. O programa não apresenta títulos para os esquetes. Para facilidade de identificação demos os títulos que se seguem. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KYIHxLG9i0Y>> . Acesso em 12ago 2015.

- Esposa reclamando do desempenho sexual do marido no guichê em que ele trabalha (1m30s)
- Tatuagem de rena (7s)
- Atestado de corno (2m6s)
- VINHETA (pequena cena que não é um esquete, mas geralmente tem algo de interessante ou humorístico)
- *Coisas melhores se ditas em coro*: Tem gente (10s) (Há 03 esquetes com este tema. Após os dois pontos colocamos o que seria dito em coro)
- O ladrão mestre do disfarce (1m36s)
- “Aquele arroz” (1m16s)
- Cinzas do papai (21s)
- *Coisas melhores se ditas em coro*: Cartão de crédito (11s)
- Igreja evangélica – Expulsando o demônio (2m5s)
- O cunhado exemplar (53s)
- O marido que perde tudo (1m20s)

- *Coisas melhores se ditas em coro*: Só estou dando uma olhadinha(7s)
- Pelotão de fuzilamento (24s)

## VINHETA

- Médico – Quantos anos de vida você me dá? (1m41s)
- Selfie da academia (1m)
- Júri – juiz reduzindo a pena do corrupto (1m29s)
- Instruções indeterminadas (1m25s)

## VINHETA

- Reconhecendo o artista do filme pornô (1m14s)
- *Pagode numa hora dessas?*: No júri (35s) (Há 04 cenas com este tema. Após os dois pontos indicamos a cena onde o pagode acontece)
- Não quero saber o fim do filme (2m24s)
- Como chamar um garçom (58s)

## VINHETA

- *Pagode numa hora dessas?*: Na emergência do hospital (23s)
- Presos exigentes – estilo dos uniformes (4m20s)
- *Pagode numa hora dessas?*: Na entrevista com o ministro da economia (42s)
- Assédio sexual de bonecos em empresa (1m41s)
- *Pagode numa hora dessas?*: No assalto (1m4s)

- Os caras de pau – 2ª temporada, episódio de 25/04/2010. – Curando os medos
- Medo de dentista (5m9s)
- No velório sob efeito de gás hilariante (5m56s)
- Medo de altura: 5m25s. Disponível em:
  - 1ª parte: <[http://www.youtube.com/watch?v=64J\\_Y9PFZsM](http://www.youtube.com/watch?v=64J_Y9PFZsM)>
  - 2ª parte: <<http://www.youtube.com/watch?v=GSESb7TIk4c>>.
 Acesso em 20 jun 2012.
- Os barbixas – Reunião celular – 2m33s. Disponível em:
  - <<https://www.youtube.com/watch?v=JOeylw0bhDs>> . Acesso em 05 out 2015.
- Camila Loures – Carnaval várias cenas 3m43s. Disponível em:
  - <<https://www.youtube.com/watch?v=x22VY5jmevQ>>. Acesso em 05 out 2015.

## Situações vividas no Carnaval:

- O safado
- O empurrado
- O briguento
- O maromba
- O mentiroso
- O desanimado
- O que canta fora do ritmo
- O chato
- O bêbado apaixonado

- Camila Loures – Esquetes dia das mães 8m7s. Disponível em:
  - <[https://www.youtube.com/watch?v=6lk3d2\\_FTv0](https://www.youtube.com/watch?v=6lk3d2_FTv0)>. Acesso em 19 out 2015.
  - Pergunte a sua mãe
  - Mães que nos acordam à toa
  - Mães que enxergam o futuro



- Mães exageradas
- Mães que nunca ficam satisfeitas
- Mães que tentam ser hi-tech
- Mães que insistem que estamos namorando
- Mães que acham tudo que nós não achamos

## II - Esquetes teatrais (8)

- Três de paus - Milho aos pombos (teatral) 9min e 08 seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=36klRNEj5pI>>. Acesso em 06 out 2015.
- Programa Tá na Cultura – 2015 – 22º Festival Estadual de Esquetes Teatrais de Novo Hamburgo - Premiados (prog. 296) Novo Hamburgo - 10:11min . Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0gPNVHyOVrk>> . Acesso em 06 out 2015.

- Náufragos  
- Maldito Papai  
- O reino dos mal humorados

- O bêbado – Esquete teatral por Arthur Amiune com 14m55s. Disponível em:<[https://www.youtube.com/watch?v=iyukYHHDM\\_M](https://www.youtube.com/watch?v=iyukYHHDM_M)>. Acesso em 06 out 2015.
- Coisas de casal no amor, na guerra e no bar – “Alfredo e Beatriz” (9m11s) – Tiago Porto – Esquetes de Humor Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=ZpW4XbEts-0>> . Acesso em 16 out 2015.
- Esquete do Teatro do NET - Confusão – 2010 (4m40s) - **Igor Souza** . Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=42PSaKcdYRI>> . Acesso em 19 out 2015.
- **Briga de Casal na Delegacia Comedia – Bandeira 2** marcos40veloz 4m5s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UPwwe9DyiqY>> . Acesso em 19 out 2015.

## III - Esquetes religiosos – Evangélicos (8)

- Maná Urbano - Exército missionário – 04 min e 05 seg. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=8SasyGKpfyw>>. Acesso em 06 out 2015.
- Canal Cristão - Luz e Sal. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=e--jJzQ7KH8&list=PLHIsLWNDzu0wcb5tZoMmjgI1G5TTgl5TP>> . Acesso em 07 out 2015.
  - Cristão x Ateu
  - Versículos decorados
  - Amigas Fake
  - Desânimo na Igreja
  - Sem serviço
  - Sem graça
- O medidor de bondade - Glauber Gonzalez. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=DADApKV1N1A&index=6&list=PL2DB0B98CD5AA3907>> . Acesso em 05/10/2015.

## ANEXO 2 – Esquetes religiosos

- Sem serviço – Esquete do Canal Cristão - Luz e Sal – 2m43s. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=e--jZQ7KH8&list=PLHIsLWNDzu0wcb5tZoMmjgI1G5TTgl5TP>> . Acesso em 07/10/2015.

*Uma moça (Rebeca) de short curto e um blusa regata deitada em uma espreguiçadeira, à beira de uma piscina, passando a mão pelos cabelos, descansando, olhando para um canal de água (um rio ou braço de mar) com praia. Toca o telefone.*

Rebeca (para si mesmo, pegando o telefone): quem é?...

Rebeca (Atendendo): alô

Richardson: oi, é Richardson

Moça: ooooi...((com entusiasmo)) tudo bom?

Richardson: é que a gente tá precisando de uma ajuda pro culto hoje à noite

Moça: ah!...então..... eutô cheia de coisa pra fazê... seu te contasse tudo o queu tenho pra fazê vai acabá teus créditos e ainda não terminava

[

Richardson: uhum...

Rebeca: pra você vê

Richardson: sériio?? ((Há uma dúvida na entonação))

Rebeca: pois é... tá aperreadinho aqui

Richardson: tá certo então

Rebeca: posso fazer assim oh..vou ficar aqui orando por vocês... viu?

Richardson: tá

Rebeca: aí depois vocês me contam cumu é que foi? tá?

Richardson: tá

Rebeca: tá, poisbeeeijo.

Richardson: beijo

Rebeca: tiau

*A Rebeca muda de lugar para uma outra espreguiçadeira mais próxima à piscina. Toca o telefone de novo. Ela o tira do bolso e atende.*

Rebeca: alô

Debbie: oi, Rebecca

Rebeca: Debbie?

Debbie: Sou eu mesmo

Rebeca: Debbie... mulher... tu viu aquele irmão?

Debbie: O queee?

Rebeca: que coisa ridícula! O cara cheio da granaa... num dá um tustão pra ajuda!

Debbie: valha

Moça: num é?! mão de vaca demais

Rebeca2: só Jesus na causa

Rebeca: ((*com entonação de reprovação*)) mulher... onde é qui já se viu? um cara com aquele tanto de... de... espera aí... (inaudível – parece um nome) tá ligano aqui pra mim

Debbie: tá certo

Rebeca: alô

Isaac: oi... é o Isaac da igreja

Rebeca: oooi

Isaac: tem como você ajudar na construção do templo

Rebeca: aaah ((*meio desanimada*)) eu seeii... eu sei que a igreja tá precisano..... mas você sabe... né?

Isaac: o que?

Rebeca ((*com voz queixosa de quem tem problemas*)): eu tôassim... eu tôpassano por um aperto... não tô tendo tanta condição assim pra ajuda... eu até queria mesmo

Isaac: viche! então tá certo

Rebeca: pois é...

Isaac: beleza então!...

Rebeca (mudando de tom): mas sabe aquele irmão? aquele irmão tá cheio da grana.

### ANEXO 3

Cunhado exemplar (53 s)

10º esquete do programa Zorra Total de 08/08/2015.

*Um velório. Um homem no caixão, várias pessoas em volta. Bem próximo ao caixão dois homens e duas mulheres. O homem mais próximo à cabeça do morto começa a falar*

*Homem(Cunhado do morto – Todo circunspecto):* meu... meu cunhado Teodoro era acima de tudo um homem sério... ((falando isso ele faz com a mão fechada gestos de positividade que enfatizam e reforçam o que diz)) com a família... com o trabalho... sério com os amigos... um homem disciplinado... focado ((pequena ênfase entonacional)) ... decente até o último fio dos cabelos... um homem que não fazia concessões aaa... a brincadeiras... aaa... a comportamentos fúteis...a modismos

*Neste momento começa a tocar um celular cujo toque é um funk:*

*((voz de mulher cantando)):* “piririm, piririm, piririm, alguém ligou pra mim, piririm, piririm, piririm, alguém ligou pra mim”

*As pessoas se entreolham espantadas, e começam a conferir seus celulares. Uma mulher das ao lado do caixão cutuca a outra e elas olham na bolsa para ver se são seus celulares. Todos conferem se é seu celular. O toque musical continua:*

*((voz de mulher cantando)):* quem é?

*((Voz de homem respondendo, cantando)):* Sou eu bola de fogo... Meu carro tá de matar... vai sê na praia da Barra qui uma moda eu vô lança...

*Quando o homem começa a cantar o cunhado do morto que estava falando se curva para junto do corpo e percebe que é o celular do morto em seu paletó que está tocando e enfia a mão e o retira do bolso do morto.*

*((voz de mulher cantando)):* vai me enterrar na praia?

*Neste momento o cunhado que falava desliga o celular e continua sua fala.*

*Homem(Cunhado do morto – Todo circunspecto):* hum, hum... ((limpando a garganta)) como eu ia dizendo Teodoro era um homem acima de tudo... sério

*(Durante esta última fala o outro homem junto ao caixão passa a mão no queixo e faz uma expressão fisionômica que desacredita a descrição do morto. Outros presentes têm expressões fisionômicas um pouco constrangidas e que desacreditam o que está sendo dito.*

**ANEXO 4 – Cinzas de papai (21s)**

7º esquete do programa Zorra Total de 08/08/2015

*Na praia duas mulheres: mãe e filha. A mãe entrega um pote à filha que o vira, despejando cinzas nas ondas do mar. A mãe olha para a filha e diz consolando:*

*Mãe:* isso... Jessica... deixa as cinzas do teu pai irem...

*Jessica:* eu sei... mãe... mas é que eu não acredito... no fundo eu ainda não acredito...

*Mãe:* tenha fé...meu amor... acabou... agora é seguir em frente...

*Muda a cena. As duas mulheres aparecem entrando em casa e encontram um homem (o pai e marido) fumando e jogando as cinzas em um pote. Elas fazem cara de espanto e Jessica diz:*

*Jessica (decepcionada):* ah, pai!

*Mãe(reprovando):* Osvaldo!...você voltou a fumar?!

*Jessica:* num falei pra senhora que numtava acreditando nisso... cara...papai não tem jeito

*Osvaldo:* você pode esvaziar pra mim só mais essa... pode?

*Termina a cena com as duas mulheres com expressão de decepção e impaciência.*

**ANEXO 5 - Tatuagem de henna/rena (7s)**

2º esquete do programa Zorra Total de 08/08/2015

*Duas mulheres na academia a primeira se volta para a segunda e diz:*

*Mulher 1:* amiigaa!...

*Mulher 2:* ooi...

*Mulher 1:* te mostrei minha tatuagem de rena/hena?

*Mulher 2:* nãuu...que qui é? ((pega o braço da mulher 1 para ver. No braço há o desenho de uma animal, uma rena))

*Mulher 1:* uma rena... ué?!... hoje eu vou fazer o trenó... ((ri))

*Mulher 2:* faz uma expressão fisionômica de enfado, como quem diz: ai, meu Deus!